



Elogio ao Amor: da vulnerabilidade à plenitude

Abraão Pustrelo DAMIÃO

“Assim, múltiplo e grande, ou melhor, universal é o poder que em geral tem todo o Amor”¹.

Eros é o fundamento da vida.

Como diz Platão, o Amor² é “entre os deuses o mais antigo”³.

Sua existência está na causa dos maiores bens e das maiores virtudes.

O Amor não é apenas afeto ou sentimento, nem mesmo paixão passageira, mas parte do universal instinto desejante do homem – que atua na e para a sua plenitude.

Eros não só ensina a alma a ordenar os desejos, como também direciona a razão à verdade, à beleza e ao bem. Por isso mesmo é fonte da sabedoria. Ele nos permite “escapar” dos limites do imediato-sensível, da aparência-crença, e, conseqüentemente, chegar à plenitude do inteligível – aquilo que nos move do múltiplo ao uno e do transitório ao eterno.

É o Amor, portanto, que converte o exercício filosófico em ascese intelectual e o viver em prática formativa.

I

O Amor não se contenta com a superfície, ele conduz o amante a descobrir que cada beleza individual – que cada coisa – é reflexo de uma Beleza maior e invisível.

¹ Platão. O Banquete. In.: Os Pensadores. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo. Abril Cultural, 1972, p. 27.

² Uso o termo em maiúsculo, pois Platão trata o Amor como substantivo, como instinto superior.

³ Platão, op. cit. p. 19.

Ao educar a alma e orientar o desejo para além do imediato e do circunstancial, o Amor “arranca” da Alma o apego ao efêmero e a guia em direção ao permanente, ao essencial.

Nesse movimento, o Amor se torna método para a elevação da vida. Nos convoca a participar de uma ordem mais alta, em que o gozo não está na posse passageira do objeto amado, mas na contemplação do Belo em si, fonte inesgotável de sentido e plenitude.

Portanto, a vida digna de ser escolhida e reiterada, que eleva a existência à altura de sua vocação mais profunda, só pode existir com base no Amor.

II

Por não reduzir os laços humanos às demandas do imediato ou à posse sobre os outros ou as coisas, o Amor resiste às contingências do tempo.

Projetando-se como criação e cuidado, Eros instaura uma experiência de permanência no seio da efemeridade.

Por não ser mera receptividade, mas potência de dar e de criar; o Amor contém o desamparo existencial – a que todos estamos sujeitos – e transforma o instinto de vida em comunhão. Algo fundamental, já que “a necessidade mais profunda do homem é a necessidade de superar seu estado de separação, de deixar a prisão da solidão”⁴.

A verdadeira fuga da prisão, porém, não está na evasão física (num prazer orgástico obtido sobre o outro ou a partir do outro), mas em uma libertação interior capaz de romper as grades invisíveis do isolamento e da indiferença e nos levar à construção de uma unidade autêntica com o outro e a humanidade.

Fundir-se com o outro, nesse horizonte, não significa perder-se, mas encontrar-se em maior plenitude: é a experiência de que a vida ganha consistência quando partilhada, de que o Eu se expande quando se deixa influenciar pelo Tu.

Uma vida regida pelo Amor, assim, é aquela em que a comunhão entre os homens não se limita a encontros casuais ou utilitários, mas se consolida em vínculos duradouros. Como ensina Zygmunt Bauman, a solidão que corrói o homem não se cura com a acumulação de vínculos frágeis, mas com a comunhão profunda que só o Amor pode instaurar⁵.

O Amor, então, é a resposta mais adequada ao medo do desamparo e à ansiedade da solidão.

⁴ Fromm, Eric. A Arte de Amar. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2015, p. 12.

⁵ Bauman, Zygmunt. Amor Líquido. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.

III

O Amor configura-se como resposta madura ao problema da existência.

Como assegura Sigmund Freud, Eros só se desenvolve se amadurece, se rompe o cativeiro do amor-próprio absoluto, fazendo o indivíduo ultrapassar o círculo da própria imagem ao abrir-se à alteridade⁶.

Isso significa que o Amor só encontra espaço para se realizar quando abdicamos do nosso narcisismo primário, do desejo de “amarmos a nós mesmos” acima de tudo, permitindo fazer da falta um caminho, e do outro, não ameaça à integridade, mas horizonte de plenitude.

Mas, como S. Freud também nos ensina, o narcisismo do Eu nunca é totalmente abandonado – e nem o poderia, pois implicaria um abandono total do “si mesmo” e do “autocuidado” – a maioria dos homens acredita que o problema do Amor consiste em ser amado e não em amar, como se a essência erótica da vida estivesse no reconhecimento e no cuidado recebidos do outro, o que não corresponde à natureza do Amor nos termos aqui discutidos.

A “chave” para o Amor, assim, está em “aprender a amar”, em compreender que amar não é reflexo instintivo, mas exercício ativo e consciente, é uma “arte” que exige verdadeira transformação interior, pois “do mesmo modo que viver é uma arte; se quisermos aprender a amar, deveremos proceder da mesma maneira quando queremos aprender outra arte”⁷.

Ao atravessar o limite da própria interioridade e descobrir-se mais amplo, mais vivo, mais pleno, o amante compreende que amar é expandir-se. Nesse gesto, desmonta sua ilusão de autossuficiência e instaura em sua Alma a experiência da plenitude, em que a vida deixa de ser circuito fechado e converte-se em diálogo, em dádiva e em reciprocidade.

“Lançar-se” ao outro e às experiências do convívio tampouco deveria nos amedrontar, pois o Amor, quando maduro, não anula as identidades, mas as fortalece. Como destaca Anthony Giddens, a intimidade com outro(s) não gera (ao menos não deveria) a anulação do Eu, antes amplia o espaço de cada ser. Ser íntimo de alguém “não significa ser absorvido pelo outro, mas conhecer as suas características e tornar disponíveis as suas próprias”⁸.

⁶ Freud, Sigmund Introdução ao Narcisismo. Obras Completas Vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

⁷ Fromm, E. op. cit. p.6.

⁸ Giddens, Anthony. A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo, Unesp, 1993, p. 106.

Por isso mesmo, ao ser fonte de simetria e reconhecimento mútuo, o Amor não exige a dissolução da individualidade, mas a coloca em diálogo, revela dimensões antes ocultas do Eu que só a presença do outro é capaz de despertar. Nesse sentido, a comunhão com o(s) outro(s) não nos rouba a identidade, mas a desenvolve: em vez de reduzir dois a um, permite que cada um seja mais plenamente si mesmo ao partilhar-se.

Não possuir nem submeter, mas libertar cada ser para florescer em companhia do(s) outro(s). É assim que amor revela sua natureza mais alta.

IV

Amor é doação.

Dar é a expressão mais alta da potência humana porque põe em prática o movimento de Eros. No ato de dar, não apenas provamos a força do Amor, mas participamos da sua própria potência, que se traduz em geração e fecundidade.

Quando amamos algo ou alguém, não entregamos apenas um pouco do que nos pertence, mas nos tornamos causa de nascimento: de ideias, de vínculos, de vida compartilhada. O contentamento que decorre desse gesto não vem simplesmente daquilo que damos ao outro, como também do retorno afetivo que esse outro nos oferece, pois “dar implica fazer de outra pessoa também um doador e ambos compartilham da alegria de haver trazido algo à vida”⁹.

O Amor quanto mais se oferece, mais cresce; quanto mais se reparte, mais se unifica; quanto mais se abre, mais plenamente retorna a si.

Como ensina Z. Bauman “não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o Amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas”¹⁰.

A civilização jamais seria o que é se isso não fosse verdade.

O Amor – assegura Freud – é o que conserva a espécie humana unida, seja na forma elementar dos clãs, nas primeiras comunidades aldeãs ou nas sociedades mais complexas que se constituíram ao longo da história. Sem a cooperação interpessoal movida por Eros, a sobrevivência da civilização seria impossível diante das intempéries, da violência e das ameaças externas¹¹.

⁹ Fromm, E. op. cit. p. 31.

¹⁰ Z. Bauman. Op. cit. p. 21.

¹¹ Freud, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. Obras Completas Vol. 18. Trad. Paul César Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

Não por acaso, o “desejo de fusão interpessoal é o impulso mais poderoso que há no homem”¹²: ele atravessa culturas e épocas, renovando-se em cada contexto histórico como energia vital que impede a fragmentação social e mantém viva a união entre os homens.

V

Eric Fromm afirma que toda “arte de amar” envolve quatro elementos fundamentais e que são mutualmente interdependentes: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento.

O cuidado revela-se na “preocupação ativa com a vida e o crescimento do que amamos. Onde não há essa preocupação ativa, não há Amor”¹³. Cuidar, de tal modo, é saber que teremos que “trabalhar” e nos “dedicar” àquilo que amamos. É reconhecer que temos responsabilidade sobre o que nos faz bem. Uma responsabilidade que decorre da doação ao outro, pois ser responsável por alguém, “em seu verdadeiro sentido, é um ato inteiramente voluntário; é minha resposta às necessidades, expressas ou não, de outro ser humano”¹⁴.

A responsabilidade, além disso, precisa ser “temperada” por um terceiro elemento essencial ao Amor: o respeito. Sem respeito ao outro corremos o risco de degenerar o Amor em dominação, transformando o cuidado em controle e a proximidade em poder. Respeito implica, portanto, “ausência de exploração [...] a capacidade de ver uma pessoa como ela é, e ter consciência de sua individualidade”¹⁵, visto que “se eu amo o outro, sinto-me um só com ele (ou ela), mas com ele *como ele é*, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso”¹⁶.

Respeitar também envolve conhecer. “Não é possível respeitar uma pessoa sem conhecê-la; cuidado e responsabilidade seriam cegos, se não fossem guiados pelo conhecimento”¹⁷. Aquele que conhece através do Amor desvenda “o segredo da outra pessoa”, a toma em “seus próprios termos”, até chegar no “cerne de sua alma”.

É na “arte de amar”, então, que as perguntas mais profundas sobre o outro encontram respostas.

VI

O Amor não pressupõe ausência de dor.

¹² Fromm, E. op. cit. p. 21.

¹³ Fromm, E. op. cit. p.33.

¹⁴ Fromm, E. op. cit. p.34.

¹⁵ Fromm, E. op. cit. p.35.

¹⁶ Fromm, E. op. cit. p.35.

¹⁷ Fromm, E. op. cit. p.36.

Amar também é tornar-se vulnerável ao outro, pois “amar significa abrir-se ao destino”¹⁸. É “uma hipoteca baseada num futuro incerto e inescrutável”¹⁹.

Apostar no Amor é entregar-se ao abismo da incerteza, é despir-se das armaduras da previsibilidade e deixar que a vida se faça morada do inesperado. Amar, assim, também é aceitar o risco da perda, da frustração e da rejeição, já que amar é reconhecer nossa impotência diante do destino. Nenhum gesto hoje garante a felicidade no acaso do amanhã.

O caminho do Amor não se dá por “terra firme”, mas sobre pontes que construímos à medida que ousamos atravessá-las, sabendo que o “lado de lá” é mistério.

Amar, portanto, implica aceitar que não possuímos controle absoluto sobre nossas vidas ou o outro e que toda relação, todo encontro, traz consigo uma parcela de descontinuidade, de distância e até de dor, se necessário.

Essa vulnerabilidade, porém, não é falha a ser corrigida, mas condição para que o Amor amadureça, pois a ferida educa o desejo. Ferir-se, nesse sentido, não é mero acidente, mas condição de fortalecimento.

As cicatrizes causadas pelos “deslizes” na “arte de amar” não são marcas de fracasso, mas sinais de iniciação: indicam que estivemos expostos ao risco de sair de nós mesmos, que ousamos ultrapassar a fronteira do nosso narcisismo. Em vez de nos amedrontar, nos ensinam a amar melhor, com mais confiança, não porque eliminam as contingências do destino, mas porque nos mostram que a ousadia de amar é necessária para o amadurecimento do Amor.

Na mesma medida, amar também pressupõe aceitar que o outro modifica nossos rumos e, em muitos casos, nos convoca a renunciar desejos que, isoladamente, poderíamos perseguir sem restrições. O Amor, então, exige que as ambições do Eu sejam relativizadas para que uma história comum seja construída. Ele não pode sobreviver no terreno da soberania absoluta do indivíduo, pois só se realiza na reciprocidade, o que implica limites, e, por vezes, conflitos.

É verdade que impor limites a lógica hedonista da vida contemporânea – que privilegia a singularidade subjetiva e o sujeito único (autêntico por ser diferente) –, não é tarefa fácil, mas precisa ser feita.

Só assim poderemos resistir à fragilidade das referências sólidas da atualidade e enfrentar a lógica da fluidez e da mercantilização da vida que marcam a contemporaneidade; a qual transforma o

¹⁸ Bauman, Z. op. cit. p. 21.

¹⁹ Bauman, Z. op. cit. p. 23.

outro em “acessório”, e o corpo em “bem consumível” – que, como todo “bem”, pode ser substituído ou descartado.

Em um tempo histórico no qual afetos são substituídos com a mesma rapidez que objetos e experiências, torna-se urgente recuperar os laços humanos duradouros, pois o Amor, enquanto potência de ligação, exige cuidado, perseverança e solidez. Qualidades que se opõem frontalmente à aceleração e ao imediatismo da vida atual.

Nossos esforços, assim, devem se voltar para a construção de espaços de confiança nos quais a alteridade seja acolhida e as relações humanas não sejam medidas por sua utilidade ou desempenho, mas pela capacidade de resistirem ao desamparo produzido pela existência.

Por tudo isso, creio, em consonância com E. Fromm, que a “arte de amar” é a mais alta e mais necessária das artes. Nada no mundo poderia rivalizar com essa arte, pois nela repousa a essência do humano.

Quem aprende a amar descobre o segredo de viver em plenitude.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo**. Obras Completas Vol. 12. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- _____. **O Mal-estar na civilização**. Obras Completas Vol. 18. Trad. Paul César Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.
- FROMM, Eric. **A Arte de Amar**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2015.
- GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo nas Sociedades Modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo, Unesp, 1993.
- PLATÃO. **O Banquete**. In.: Os Pensadores. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo. Abril Cultural, 1972.

Autor

Abraão Pustrelo Damião.

Doutor em Sociologia. Professor do IFSP, campus Barretos. Desenvolve pesquisas sobre as expressões da subjetividade na vida contemporânea.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3689433102442300>.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6350-894X>.